

GLOBALIZAÇÃO, PÓS-MODERNIDADE LÍQUIDA E EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO NO UNIVERSO DIGITAL

Carlos Henrique da Costa Barreto¹
Taís Steffenello Ghisleni²

RESUMO

Este é um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, e que tem por objetivo construir uma reflexão na temática de ensino na contemporaneidade globalizada, pós-moderna (líquida) e tecnológica, cenário onde uma série de questões se implicam quanto ao impacto do universo digital em nossas vidas, destacando-se a importância da construção de consciências críticas, reflexivas e preparadas à experiência digital. Da contextualização de temas norteadores ao debate de autores como Santos, Bauman, Lévy, Castells, Gabriel, Fava, dentre outros, percebe-se que os efeitos sociais da experiência de mundo pela pós-modernidade líquida acabam por se refletir, também, na experiência digital das pessoas sobre o universo digital: líquida, efêmera, confusa e caótica, sem aprofundamento crítico nem filtro de conteúdo. Por conseguinte, destacamos a prática de Educação Midiática como caminho, ao cenário educacional, para a formação de pessoas aptas a vivenciar de forma consciente o estado de mundo digital cibridizado em que vivemos, tendo seus benefícios e possibilidades não só asseguradas aos professores e alunos, mas também a própria democracia e bem-estar social.

PALAVRAS-CHAVE

Atualidade. Pensamento crítico. Tecnologias. Digital. Educação.

1 INTRODUÇÃO

A Globalização é um processo iniciado décadas atrás, talvez inacabável, mas que certamente foi acelerado pelos avanços de mundo que presenciamos nas últimas décadas. Na obra de Campos e Canavezes (2007, p. 8) de introdução ao tema, os autores destacam que “os desenvolvimentos tecnológicos que facilitaram a comunicação [...] a circulação de pessoas, bens e serviços constituem um importante centro nevrálgico da Globalização” – caracterizando-a, desse modo, como processo de diversas dimensões diferentes, e que por isso trouxe uma série de implicações sobre a forma como experienciamos a realidade. Assim,

¹ Bacharel em Publicidade e Propaganda, Pesquisador em Comunicação e Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: carloshcb123@gmail.com.

² Doutora em Comunicação. Professora Adjunta no Centro Universitário Franciscano. E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br.

determinam os autores: o entendimento que construímos acerca dos impactos da globalização sobre nós trazem fortes “implicações sobre as leituras possíveis do mundo contemporâneo” (CAMPOS; CANAVEZES, 2007, p. 12).

Milton Santos (2000), geógrafo brasileiro de referência quanto ao estudo crítico da globalização, estabelece perspectivas acerca desse processo enquanto uma grande visão de mundo aglomerado e unificado como sendo, em verdade, o ápice do capitalismo pelo mundo, disseminador de várias ideologias e estruturas diferentes que resultam em consumo, desigualdades sociais, desaparecimento de culturas menores ou localizadas, mas também em possibilidades e alternativas de se repensar a utilização dos recursos mundiais para um futuro melhor. Outrossim, sob a leitura de Zygmunt Bauman, esse processo foi o que nos impulsionou ao patamar de desenvolvimento sociológico, cultural, político e – de forma geral – humano no qual hoje nos encontramos, a pós-modernidade.

E essa pós-modernidade em que vivemos, portanto, considerando a centralização da internet (hiper e multimidiática) como principal plataforma de comunicação planetária bem como o estabelecimento de um Universo Digital sobre o qual vários autores já ensaiavam nas décadas que nos precederam – como Pierre Lévy (1999), enquanto falava da Ciberficação de mundo pela internet, e Manuel Castells (2003), quanto às múltiplas apropriações dessa tecnologia –, podemos afirmar que tal conjuntura de mundo, que acelerou significativamente o processo de Globalização, certamente mesclou nela seus fatores e trouxe, por fim, uma série de questões formativas quanto aos seres humanos: formar seres humanos preparados para viver a Globalização e a Pós-modernidade Digital é um desafio que recai ao mais primordial espaço formativo da sociedade: a escola e seus processos educacionais.

Diante desses expostos, o presente trabalho é um estudo reflexivo que tem como temática a educação no mundo globalizado, numa era pós-moderna que implica uma série de questões desafiantes e de possibilidades aos contextos formativos, ao considerarmos o impacto que as tecnologias digitais desempenham em nossas vidas e o modo pelo qual estamos contemporaneamente habituados a experienciá-las

Sendo assim, o estudo tem por objetivo geral construir uma reflexão acerca da educação sobre o universo digital na pós-modernidade. Por especificidades, nos valeremos em 1) **contextualizar**, inicialmente, o processo de globalização como propulsor da Era pós-moderna e sua influência na sistematização do mundo atual para, em seguida, 2)

problematizar sobre o que é a pós-modernidade, sua caracterização como *líquida*³ e suas implicações no ensino nos possibilitando, enfim 3) **refletir** sobre o ensino na pós-modernidade líquida e digital com destaque na Educação Midiática, de olhar ao contexto, seu conceito, práticas, possibilidades e importância. Seguem nos próximos tópicos nossa sessão metodológica seguida pelos tópicos de resultados com reflexão construída.

2 MUNDO GLOBALIZADO, PÓS-MODERNO (DIGITAL) E LÍQUIDO

Em sua obra **Introdução à Globalização**, os autores Campos e Canavezes (2007, p. 17) nos apresentam esse termo para designar todo um “conjunto de transformações econômicas, políticas, sociais e culturais que se fazem sentir a nível mundial”, e que nos trouxeram a noção de um mundo de países independentes, mas interligados. Os autores refletiram, por conseguinte, que essas transformações foram profundas e nos constituíram novas formas de concebermos a realidade, nos trazendo tantas mudanças e dificuldades quanto as próprias alternativas para ultrapassá-las e repensar atuações em favor de rumos melhores ao mundo globalizado (CAMPOS; CANAVEZES, 2007). Mas será que isso realmente acontece? Para compreender a Globalização, bem como o nosso próprio estado humano no mundo globalizado, cabe-nos o debate deste tópico: *de onde veio a globalização? Que transformações foram essas? Como interpretar a globalização? E para o que ela nos guiou?* – dentre outras.

Primeiramente, citando o jornalista Ignácio Ramonet (1998), verifica-se que a Globalização teve seu possível estopim no século XX, com a Queda do Muro de Berlim, que politicamente dividia a Europa em dois blocos: capitalista e socialista. Desse evento, decorreu-se também o fim da Guerra Fria e o fim da Cortina de Ferro, como ficou conhecida tal divisão simbólica entre os polos capitalista e socialista, através do muro, tendo como potências líderes os Estados Unidos e a Rússia, respectivamente. Como efeito, o sistema capitalista se propagou pelo globo e, conforme o autor, esse processo catapultou a Globalização devido ao livre mercado que levou as nações a buscar novos laços econômicos, transações, integrações e comunicações umas com as outras, transformando as partes em grandes elos interligados em relações de diferentes naturezas.

³ Conforme sociólogo Zygmunt Bauman em suas obras.

Quanto às transformações que se decorreram dessa nova sistematização de mundo integrado, retomando o guia de Introdução à Globalização de Campos e Canavezes (2007), os autores classificam três dimensões: **Econômica**, **Cultural** e **Ambiental**. Os efeitos da dimensão econômica, e de maior impacto entre todos, se destacam no crescimento exponencial do comércio mundial⁴, na extensa industrialização⁵ de espaços urbanos e na emergência de um mercado financeiro internacional que levantou diferenças gritantes: muitos países se tornaram potências, enquanto vários outros acabaram substancialmente dependentes. Seja de matéria prima, de alimentação, de recursos, de tecnologia, de capital, dentre outros.

As outras duas dimensões, por conseguinte, nada mais são do que reflexos do sistema capitalista pelo mundo. Nosso planeta, que já enfrentava problemas ambientais – destacando o desmatamento, a poluição, as queimadas, enchentes, etc – seu viúvo obrigado a confirmar o aumento desses fatores em vista dos processos de industrialização e crescimento das fábricas que agora consomem muito mais recursos e espaços naturais. Na leitura dos autores, em vista disso, novos problemas isolados nascem enquanto outros se tornam supranacionais, sobretudo nos países subdesenvolvidos que, ao partilharem um conjunto de características sócio-política-econômicas que os fazem depender de países potências, tornam-se estruturalmente mais suscetíveis à degradação ambiental, dada sua exploração pois

É aí que as florestas tropicais se situam e vão sendo dizimadas, é aí que boa parte dos resíduos tóxicos vão sendo depositados e é ainda aí que, em maior grau, a desertificação ameaça zonas agrícolas e muitas espécies animais se encontram em vias de extinção [...] Embora possa existir uma componente de ordem geográfica para esta localização, muitos cientistas sociais têm sublinhado que se trata sobretudo do resultado de relações de natureza política e econômica (CAMPOS; CANAVEZES, 2007, p. 65).

Em outra perspectiva, a obra de Gabriel (2018) contribui com esse debate e pode nos acrescentar uma outra dimensão quanto a caracterização da Globalização: a **tecnológica**. Em sua leitura, a globalização tecnológica é efeito direto do domínio da internet pelo mundo (ao lado do capitalismo), uma tecnologia disruptiva que por englobar a dinâmica de todas as outras plataformas de comunicação concentrando-as num único meio digital se tornou disruptiva,

⁴ Sobre tudo nas relações de produtores/consumidores geograficamente separados por distâncias consideráveis (de um extremo ao outro do globo);

⁵ Diferente da industrialização da Revolução Industrial manufaturada, com as filas de operários em linhas de produção. Com a tecnologia na globalização, começam as indústrias de máquinas autônomas, que realizem através de si mesmas o próprio serviço.

popular e dominante. A autora aponta os nossos próprios celulares e dispositivos eletrônicos como a principal caracterização de uma sociedade *cíbridizada* – pessoas constantemente alternadas entre o estado *on* e *offline* não havendo mais uma delimitação clara entre cada. Por conseguinte, se na Globalização cada sociedade vive interligada com as outras pelo sistema econômico, político, social e capitalista do mundo, frente à autora podemos interpretar que na Globalização Tecnológica, *cada indivíduo* vive interconectado ao outro graças ao universo digital que se emerge da internet.

As leituras de Castells e Lévy ajudam a compreender esse cenário: para Lévy (1999), a popularização da internet pelo mundo modificou completamente as formas de relacionamento entre pessoas, sociedades e culturas umas com as outras porque o conteúdo mundial real e *offline* se *digitaliza* e migra, com impacto, para dentro do meio virtual emergido dessa tecnologia – aquilo que ele denomina como *ciberespaço*; a humanidade, portanto, faz-se diante de um processo de *ciberficação* que dá origem à uma *cibercultura*. Ao encontro, Castells (2003) analisa a internet enquanto tecnologia que foi apropriada pelas pessoas para diversas práticas diferentes – dentre elas a prática social; para Castells (2003), a internet atua como um grande oceano de informações que interliga comunidades de usuários e seus conteúdos conforme as utilidades que deles lhe são atribuídas, e não à toa, denomina sua obra com Galáxia da Internet, vasta, complexa, estruturada e viva. Porém, na leitura de outros autores – tecendo problemática com olhar à Globalização – o que acontece em decorrência dessa dinâmica da internet são os processos de *declínio* do indivíduo, de informação ou de culturas inteiras.

Quanto a Globalização pela expansão do capitalismo sobre o mundo, Domingues (1993) diagnosticou um declínio da identidade individual de pessoas ou grupos em vista das sociedades que foram engolidas ou diluídas pelo contato com sociedades maiores até que seus costumes, tradições e demais particularidades foram modificadas ou desapareceram por completo.

Já quanto ao cenário atual, na Globalização Tecnológica, o exposto de Lima, Nascimento e Farias (2016, p. 2) corrobora a afirmação desta tese: a mídia (e suas tecnologias) em efeito “aparece como aparato facilitador e assume o papel de disseminar os objetivos desse novo paradigma de sociedade”. A mídia, essencialmente em objetivo de venda de ideias, conteúdos, imagens e demais especificidades nos bombardeia com informações projetadas para nos

conduzir de maneira inconsciente à *compra de culturas* ou de *pacotes de identidades* que nos fazem abandonar a individualidade da nossa própria construção cultural – gerando na contemporaneidade uma série de modas efêmeras puramente guiadas pelo interesse capitalista globalizatório: seja ele objetificado, político, ideológico, comunicacional, etc.

Frente a esses expostos, por conseguinte, Santos (2000) estabeleceu três perspectivas sob as quais podemos interpretar o processo de Globalização – tanto como processo capitalista quanto processo tecnológico – que somadas aos expostos, hoje mais do que nunca nos são fundamentais para compreendermos o mundo ao qual fomos guiados:

1) Globalização enquanto uma *fábula* capitalista; 2) Globalização enquanto uma *perversidade* capitalista; 3) Globalização como uma *possibilidade* no capitalismo. Na primeira, compreendem-se os mitos da compressão, das facilidade e da acessibilidade num suposto mundo interligado que, na verdade, são apenas ideologias capitalistas criadas para instigar o consumo e o comércio; na segunda, compreendem-se a globalização como ela em fato é, uma estrutura de desigualdades sociais, das citadas explorações do meio ambiente, de fator disseminar de fome, doenças, violência, conflitos por interesses (políticos, econômicos, sociais, etc), dentre outras mazelas; e na terceira, compreendem-se, por fim, as possibilidades do uso capital, tecnológico, político e social conquistado pela integração entre nações para promover o bem-estar e o desenvolvimento sustentável mundial.

Por conseguinte, é o filósofo e sociólogo Zygmunt Bauman (1925 – 2017) que nos apresenta perspectivas acerca da globalização com olhar direto às consequências que o processo implica sobre os seres humanos e suas experiências no mundo contemporâneo. Bauman, em grande parte das suas obras, verifica a Globalização como um processo que impôs mudanças sob as quais até hoje ainda hoje relutamos, mas sem termos poderes nem alternativa nenhuma senão a adaptação ou coexistência. Classifica como resultado da globalização o chamado mundo **pós-moderno**, marcado pelas inovações e modificações caóticas de mundo (sociais, comunicacionais, informacionais, tecnológicas, etc) opõem-se diretamente à segurança projetada pela vida em estabilidade e abrem espaço para uma nova forma de experienciar o mundo, que é baseada em subjetivismo, vontade e liberdade individual.

Em sua obra “O mal-estar da pós-modernidade”, Bauman debatia a insegurança existencial do ser humano abrindo margem ao conceito que viria a desenvolver: “no mundo

moderno, notoriamente instável e constante apenas em sua hostilidade a qualquer coisa constante, a tentação e interromper o movimento [...] torna-se esmagadora e irresistível” (BAUMAN, 1999, p. 21).

Então, em “Tempos Líquidos”, Bauman (2007, p. 12) conclui que na pós-modernidade uma “nova ordem, como no derretimento dos primeiros sólidos, necessita driblar qualquer resistência que impeça seu avanço” e conclui que todas as mudanças de mundo vivenciadas nesse era “voltadas à perfuração e à quebra de fronteiras, comumente chamadas de globalização, fizeram seu trabalho”. Por essa razão o principal entendimento que permeia a tese de suas obras acerca da pós-modernidade globalizada na natureza humana é a inconstância, o desprendimento: nada é sólido, tudo é *líquido*, efêmero, mutável – e assim ele cria o conceito da *liquidez* na pós-modernidade, a principal característica (sintoma ou problema) de nosso mundo contemporâneo.

Para Bauman (2007), vivemos tempos líquidos porque nada é feito pra durar. O autor observa que os imediatismos e facilidades da era contemporânea despertam no ser humano um desprendimento da retenção de valores e aprofundamentos em suas relações com o mundo, o que gera uma onda inconstante na natureza humana: liquidez nas relações, liquidez em nossos medos, liquidez nos pensamentos, liquidez no conhecimento e, até liquidez na própria experiência de vida presente ou futura (BAUMAN, 2007).

Nessa linha, a formação humana baseada na formalidade e nos aspectos legislativos deu espaço, nas sociedades, para novos sistemas baseados num subjetivismo que segue a liquidez e a inconstância da era contemporânea – um subjetivismo, no entanto, cuja ausência total de bases reflexivas pode nos levar a um *relativismo formativo*. Na contemporaneidade, vemos pessoas que discursam, mas que propriamente não compreendem sua ideologia; pessoas que criticam, mas que não sabem o que estão criticando; pessoas que consomem, mas que não sabem por que consumir. A liquidez que Bauman delineia, que permeia nossas relações sociais, econômicas, ideológicas, produtivas, dentre outras, é capaz de afetar, sobretudo, nossa *experiência pelo mundo*.

E com efeito, o que se passa é que essa se reflete, também, pela experiência das pessoas no novo universo emergente: o universo digital, quando a internet e as Tecnologias da Informação e da Comunicação tomam centralidade na vida das pessoas, e cenário a partir do qual desenvolvemos as perspectivas deste trabalho. O **fenômeno da liquidez**, portanto,

também se torna um mal para a sociedade no mundo globalizado, numa era de pós-modernidade digital, e que destacamos como ponto de relevância aos espaços formativos da sociedade – a escola e os processos de ensino – quanto a tarefa de formar e prepara cidadãos para a vida em sociedade pós-moderna digital.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este é um estudo de natureza essencialmente qualitativa: conforme Michel (2009), aquele que não se utiliza de dados numéricos ou estatísticos, mas que se foca na interpretação de fatos e fenômenos em contextos e ambientes específicos com análise à suas relações de influência. Consideremos como fenômenos aqui abordados a grande caminhada de Globalização perpassada pelo mundo nas últimas décadas, a sistematização do mundo na pós-modernidade e a emergência da liquidez – delineada por Bauman – em nossas relações com os meios que incidem, portanto, responsabilidades quanto os espaços formativos da sociedade para preparar os indivíduos ao contexto de mundo contemporâneo.

O estudo, por se valer da descrição e explicação desses conceitos em sua etapa de contextualização teórica também apresenta caráter descritivo e explicativo: conforme Gil (2002) as abordagens metodológicas utilizadas para fundamentação dos temas cuja compreensão será necessária para nortear a construção de tese a se defender, cruzamento de dados ou reflexão geral do estudo. Desse exposto, o estudo utiliza como principais materiais bibliográficos o guia de Introdução à Globalização, de Campos e Canavezes (2007), as obras de Bauman que fundamentam seu conceito de *liquidez* e pós-modernidade, as obras de Gabriel (2018) e de Rui Fava (2016) sobre tecnologias e inovações, e perspectivas da educação na era tecnológica, respectivamente, dentre outras que convergem com os assuntos tratados embasam nossas interpretações.

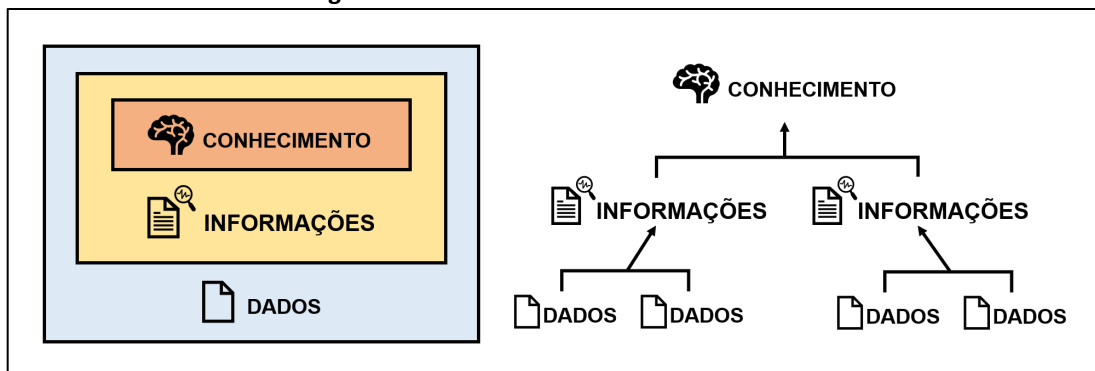
Por conseguinte, o estudo, de forma geral, busca sustentar a tese de que a pós-modernidade líquida, onde as experiências humanas são efêmeras, mutáveis, confusas e até mesmo vagas afeta, também, as nossas experiências digitais. Isso, em nosso ambiente informacional, é o que abre terreno para uma série de problemáticas relativas ao modo como consumimos os conteúdos digitais: desinformações, pós-verdades, fake news, discursos de

ódio, segregações etc. sendo necessário, portanto, o olhar educacional de caráter contínuo sobre a formação de seres humanos para o universo digital na sociedade contemporânea.

4 PÓS-MODERNIDADE LÍQUIDA DIGITAL E ENSINO: UMA PROBLEMATIZAÇÃO

Maria Angeloni (2010), em sua obra “Comunicação nas organizações da Era do Conhecimento” defende a tese de que, dada a nossa contemporaneidade e a vastidão de conteúdos aos quais somos expostos – sobretudo a evolução que contextualizamos anteriormente – o conhecimento, afinal, passa a ter uma nova significação de utilidade; o conhecimento implica importância, como um capital, algo valioso pelo qual se devem destinar mecanismos humanos a se obter. Dessa perspectiva, a autora classifica a esfera informacional que gira sobre o mundo em 3 itens: dados, informações e conhecimentos. A Figura 1 ilustra sua ordem estrutural, bem como sintetiza seus modos de aquisição.

Figura 01 – Estrutura da esfera informacional



Fonte: elaboração própria, com base em Angeloni (2010)

Conforme a autora, os dados são as unidades de conteúdos mais puras, um código em sua essência; as informações são os dados inter cruzados, interpretados ou aplicados sob uma leitura específica; os conhecimentos, por fim, são as várias informações inter cruzadas, úteis, validadas e construídas de forma a expressar uma leitura final sobre o mundo real (ANGELONI, 2010).

No contexto digital, ilustremos um exemplo dessa ideia: vamos considerar os termos 1) *fake news* – notícia falsa, em tradução literal – e 2) internet. Os termos *fake news* e internet são dados, códigos em sua essência, com significados irreduzíveis, mas passíveis de várias aplicações; consideremos, então, a sentença “*Fake news* se propagam pela internet”: partindo do princípio de que já decodificamos o significado desses termos (os dois dados), podemos

intercruzá-los para estabelecer uma leitura inicial, específica sobre eles dois; agora consideremos a sentença “Fake news se propagam pela internet e podem se decorrer numa série de problemas sociais além da desinformação, a citar, por exemplo, a desvalorização dos meios políticos da comunicação, a segregação, movimentos negacionistas, o ódio e até mesmo ataques contra a Democracia”. Nesta sentença, vários dados e várias informações foram aplicados, intercruzados e integrados numa mesma lógica para expressar tal leitura que se aplica em nosso mundo contemporâneo. Partindo do princípio de que tenhamos decodificado todos esses dados e informações, a compreensão de sua sentença final se mostra como o conhecimento (produto) produzido através deles nesse processo.

Dentro da nossa debatida pós-modernidade (digital), esse processo todo, no entanto, **não acontece**. Em nossa interpretação, o fenômeno da liquidez – que Bauman diagnosticou como um mal contemporâneo – agora em nossa experiência pelo mundo digital se acentua gravemente. Conforme problematizam Ferrari, Machado e Ochs (2020), usualmente, ao consumirmos um conteúdo digital, não ultrapassamos da sua camada mais superficial e simplória, não fazemos estudos, não nos aprofundamos em conceitos e nem buscamos a interpretação por trás das mensagens que circulam pelas redes.

Apesar de não nos caber generalizações indevidas, ponderamos que a consciência e o senso de reflexão crítica sobre o universo digital certamente não estão desenvolvidos – ou nem são incentivados – entre grande maioria dos públicos nativos ou imigrantes digitais: conforme Buckingham (2010, p. 49) existe pouco reconhecimento consciente sobre os aspectos dos conteúdos digitais, “das dimensões emocionais de nossos usos e interpretações dessas mídias, ou mesmo dos aspectos da mídia digital” que se mostrem para além da mera informação, da superficialidade.

Do contrário, não teríamos um quadro tão (infelizmente) amplo de problemas ou de questões relativas à desinformação, aos discursos de ódio ou demais conflitos motivados pela divergência caracterizando tanto as apropriações sociais dadas à internet pelas pessoas, grupos e usuários, em sites, redes sociais e aplicativos dentre outros espaços – como observa Pereira (2017) em seu estudo “Educação e Sociedade da Informação”. O autor reflete sobre os desafios do ensino contemporâneo frente à formação de cidadãos para a vida em sociedade digital, e percebe que vários desafios caracterizam essa tarefa (PEREIRA, 2017).

Rui Fava (2016, p. 208), professor doutor em Ciências da Educação analisa o meio digital como novo meio de “interação e comunicação, que [...] possibilitou o crescimento [...] de informação e conteúdos disponíveis, acessíveis gratuitamente em rede, em qualquer instante, em todo lugar”. A internet e o meio digital – ou o Ciberespaço, de Lévy (1999) – se tornam o mais novo e centralizado meio de busca, composto de uma ampla massa de informações e de conteúdos aos quais acessamos, consumimos e compartilhamos – ao encontro do que caracterizam Lima, Nascimento e Farias (2016) quanto à mídia no mundo globalizado. Esses, portanto, nada mais são do que os efeitos da globalização do mundo refletidos pela internet.

Para Fava (2016), é por essa razão que as pessoas constantemente se deparam com a “necessidade de criar mecanismos [...] capazes de encontrar, entre inúmeros dados irrelevantes, uma informação precisa”, corroborando com mesma lógica de Angeloni (2010). Para o autor, ao mesmo tempo em que a informação digital se torna uma fonte abundante e inesgotável, torna-se também uma fonte *barata* e, por isso, nem sempre confiável. A internet é composta de sistemas focados na exibição e apresentação dos dados, de maneira a apresentar a informação de forma medíocre, mesclando-se ao confuso, comercial, entretenimento, persuasivo, dentre outras dimensões. Nos deparamos com o desafio de compreender essas informações e lhes atribuir um significado útil em nossas vidas para que não sejamos apenas usuários passivos no digital. É frente desse cenário que Fava (2016) propõe estarmos diante de uma Paideia Digital – abrindo-nos à compreensão do conceito.

Conforme Bortolini e Nunes (2018), a noção do que é uma Paideia vem da Grécia Antiga, e se refere ao modelo de educação e formação ética usado pelos gregos no objetivo de *preparar* um para a vida em sociedade. Sendo assim, a Paideia Grega incluía temas diversos como retórica, filosofia, música, ginástica, dentre outros saberes que eram passados de mestres para aprendizes. Por conseguinte, observam os autores, “a compreensão originária da paidéia grega sempre acompanha a formação de educadores e pensadores em Educação” (BORTOLINI; NUNES, 2018, p. 21). Através do contato da Cultura Grega com o mundo, vários modelos formativos surgem, com base na paidéia: a Paidéia greco-romana, romana, cristã, filosófica, cultural, dentre outras até os dias atuais que variam conforme o tipo de contexto **em que** se aplicam. A Paideia Digital de Fava (2016) nada mais é do que o conjunto de saberes necessários à formação do indivíduo para o Universo Digital – sobretudo na diagnosticada atualidade.

Dessa reflexão, chegamos, portanto, à problemática que se tenta responder a partir deste estudo: como tornamos nossa experiência digital menos *líquida*, menos caótica em sua relevância, menos baseada num subjetivismo de opiniões e ideologias que tanto lhe pendem ao mau uso da informação digital e da comunicação? Como tornar a experiência digital mais positiva, mais crítica e reflexiva, e acima de tudo, ancorada na democracia e numa coexistência de bem-estar entre os indivíduos digitais?

Muitas dessas incumbências se destinam às práticas de Educação Midiática, voltadas não apenas ao estudo de mídias em si, mas ao amplo do universo tecnológico, digital, comunicacional e informacional, e que será discorrido no próximo tópico, seguido das considerações finais deste estudo.

5 EDUCAÇÃO MIDIÁTICA: CONCEITO E POSSIBILIDADES NO ENSINO PELO UNIVERSO TECNOLÓGICO E DIGITAL

Conforme descreve Sayad (2019, p. 11), a Educação Midiática pode ser compreendida como “um conceito guarda-chuva [...] que abarca o desenvolvimento de uma série de habilidades voltadas à leitura, análise e produção de informação autêntica e de qualidade” – e por isso engloba uma série de outras práticas, técnicas, metodologias e competências em pauta de letramento crítico sob o Universo Digital em que estamos imersos. Habilidades que, tal como destacamos antes, o autor também reconhece como fundamentais diante dos desafios impostos desse contexto. O presente tópico, por conseguinte, visa caracterizar o ensino diante do universo tecnológico digital refletindo sobre tal importância como uma nova demanda de mundo globalizado, interconectado e moderno – sobretudo em sua pós-modernidade *líquida*.

No Guia de Educação Midiática elaborado pelo Portal Educamídia em conjunto com a Google, as autoras Ferrari, Machado e Ochs (2020) refletem que a toda a informação (seja digital ou mesmo offline) tanto paira como é moldada sobre as mídias e suas tecnologias – e em primeira instância, produzida pelas próprias pessoas – estando por isso sujeitas a filtros ou óticas tendenciosas, ideológicas, sensacionalistas, ou qualquer outra forma de manipulação sob inferência do caráter humano. Desse modo, as autoras dividem a proposta

do letramento crítico, reflexivo e responsivo da Educação Midiática em 3 eixos específicos: leitura, escrita e participação, ilustrados didaticamente no infográfico da Figura 2.

Figura 02 – Os 3 Eixos da Educação Midiática



Fonte: Elaboração própria com base em Ferrari, Machado e Ochs (2020)

Com base nas propostas de cada eixo ilustradas no infográfico, podemos compreender como eles podem ser utilizados para estruturar os mais diversos tipos de atividades e estratégias de ensino em sala de aula (ou fora), quando abordado por docentes em pauta de Educação Midiática. Conforme Ferrari, Machado e Ochs (2020):

1) do **Eixo Leitura**, é possível se projetar, em exercício letivo, a compreensão de textos e materiais midiáticos, ensinar e entender as intenções dotadas de trás de cada conteúdo que paira na rede, separar o que é notícia do que é opinião, diferenciar manchetes de *clickbait*s, mensagens falsas, tendenciosas, inexatas e *fake news*, dentre outros – ao mesmo tempo em que, através de linguagens acessíveis e didáticas, aproxima o educando (nativo ou imigrante digital) do universo midiático com o qual tem afinidade/contato, e que cerca o seu dia-a-dia e os meios por onde consome conteúdo;

2) do **Eixo Escrita**, considerando que a própria escrita nada mais é do que uma forma de expressão e produção, é possível guiar os alunos entre os processos de produção de conteúdo a partir de suas próprias subjetividades, respeitando cada tempo e espaço individual ao mesmo tempo em que são instruídos sobre como se portar da melhor maneira pelos ambientes do digital, como dialogar, como se expressar e como reconhecer a seu próprio espaço de fala; pode-se, também, voltar-se ao lado criativo do educando, ensinando-o como construir narrativas, como utilizar as ferramentas para conceber, desenvolver e materializar suas próprias ideias, como compartilhá-las e como interagir com o ciberespaço;

3) do **Eixo Participação**, como as próprias autoras descrevem, o objetivo principal é “estimular estudantes a refletir sobre seu papel e suas responsabilidades enquanto consumidores e produtores de informação e incentivá-los a criar e publicar mídias de forma ética e responsável” (FERRARI; MACHADO; OCHS, 2020, p. 54); Reconhece-se que, com a contextualizada Ciberficação de mundo de Lévy (1999) e de nosso estado humano-cibridizado (GABRIEL, 2018), o espaço digital não é mais um espaço à parte de nossa realidade, mas uma extensão dela – o que nos demanda mesmas responsabilidades de participação e atuação sobre.

As ideias de Buckingham (2010, p. 51), mesmo anteriores à elaboração de um Guia de Educação Midiática, corroboram com a proposta desses eixos ao enfatizar que “o conhecimento da mídia envolve tanto escrever quanto ler a mesma mídia; e aqui, novamente, a tecnologia digital apresenta alguns novos e importantes desafios e possibilidades”. O autor observa que o

acesso facilitado à tecnologia possibilitou que crianças e jovens passassem a aprendê-las com muito mais facilidade e acessibilidade do que em décadas de ensino anteriores.

Assim, Buckingham (2010, p. 51) descreve que uma série de produções acadêmicas podem ser desenvolvidas “combinando texto escrito, imagens visuais, simples animação, áudio e vídeo”, a partir dos trabalhos de Sinker (1999)⁶ e Lachs (2000)⁷. O autor enfatiza que a Educação Midiática abre espaço para desenvolvimento nos alunos tanto o conhecimento para aplicação técnica e formalizada quanto dota-lhes do aspecto artístico e criativo sobre elas – uma vez conquistado o conhecimento da linguagem dessa respectiva tecnologia. Dessas ideias, construímos na Figura 3 nossas sugestões com adaptação ao contexto de ensino atual, na Era Digital com base no aspecto produtivo vinculado ao Eixo de Escrita, seguida pelo respectivo conhecimento/aprendizado por de trás, vinculado ao Eixo de Leitura.

Figura 03 – Possibilidades da Educação Midiática

Possibilidades produtivas na Educação Midiática (Eixo Escrita)
▪ 1) Construção de fotografias Em aulas de arte com aparelhos e máquinas, adaptáveis às disponibilidades dos alunos; ▪ 2) Criação de vídeos e documentários Trabalho sobre temas ou conteúdos específicos, com construção de roteiro, storyboard, cenário e outras peças; ▪ 3) Desenhos digitais e Criação Gráfica Utilização de ferramentas gratuitas, criação de conceitos em temas prévios, artes, gráficos, ilustrações, sistemas, mapas, etc; ▪ 4) Escrita de textos e narrativas Construção de histórias pessoais dos alunos, trabalhos sobre gêneros literários, exercícios de criatividade, hipertextos para mídias e redes sociais, etc; ▪ 5) Gravação de áudios Composição de músicas, criação de podcasts, spots, jingles, trabalhos artísticos;
Possibilidades de aprendizado na Educação Midiática (Eixo Leitura)
▪ 1) Linguagem, estética e aspectos fotográficos, leitura de composição, enquadramentos, significações simbólicas, semiótica, etc; ▪ 2) Linguagem e aspectos do audiovisual, noções sobre narrativas, gravação, técnicas e diferenças de construção entre a imagem estática de o vídeo, ferramentas de edição e produção audiovisual; ▪ 3) Noções e aspectos do desenho artístico e da criação gráfica, multimodalidade, gráficos, infográficos, memes, esquemas e etc; ▪ 4) Aspectos da linguagem, formas de expressão para cada texto, filtro de informações, posicionamentos, ideologias, significações, figuras de linguagem, formatos e etc; ▪ 5) Ferramentas de gravação, equipamentos, tempo e duração de cada formato de áudio, softwares de edição, etc.

Fonte: elaboração própria.

⁶ Um projeto multimídia, que combinava tecnologia com investigação da história da família, comunidade e sociedade;

⁷ Um projeto pedagógico de ciências da natureza e sociais que fazia uso das tecnologias emergentes daquele período.

Por conclusão desse debate, podemos reconhecer que dentro da Educação Midiática existe uma relação de conjunto entre os Eixos da Leitura e da Escrita: para cada conhecimento técnico obtido através da escrita e produção tecnológica, existe o conhecimento obtido, por base, sobre “como ela funciona”, sobre “o que se pode fazer com ela” e ainda os “para quais finalidades usar” compreendendo, assim, seus aspectos de leitura – e por isso abrindo o espaço para reflexão crítica, consciente e responsável sobre a utilização dessa tecnologia. O Eixo da Participação, por fim, nada mais é do que a junção de ambos, quando o educando é capaz de se apropriar do conhecimento tecnológico midiático e digital aprendido, e o utiliza em prol da sociedade, para participar e construir. Por fim, sustentamos como a Educação Midiática proporciona benefícios e possibilidades de aprendizado tanto para alunos, os que trabalharão e vivenciarão essa tecnologia, quanto para os professores, que se apropriam e nelas se aprofundam para transmitir e aplicá-las em suas metodologias.

6 EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Sayad (2019, p. 13), corrobora com as ideias então debatidas e determina que “a vida é física, mas é também digital [...] a mídia é hoje não só uma lente pela qual enxergamos o mundo, mas também um espaço e tempo nos quais estamos inseridos e vivemos”: o autor, em viés reflexivo diretamente em prol da democracia, tece uma aplicabilidade muito mais específica sobre a Educação Midiática defendendo-a como *antídoto* no campo **político** e da **gestão pública** contra a desinformação. Observa como a produção de conteúdo (tendencioso ou não) alarmantemente dispara em tempos eleitorais:

Os primeiros sintomas de uma “nova ordem” na produção e consumo de informações em período eleitoral [...]. A eleição para o segundo mandato de Barack Obama, por exemplo, já destinava um volume de recursos às redes sociais semelhante ao tradicionalmente voltado à propaganda televisiva. O mesmo movimento pôde ser sentido no Brasil no processo eleitoral relativo ao primeiro mandato de Dilma Rousseff. Numa análise social mais ampla, é possível constatar que a explosão da não-informação, crescimento exponencial dos veículos de comunicação virtuais e a transformação dos cidadãos de consumidores a produtores de conteúdo já é parte do [...] século 21 (SAYAD, 2019, p. 10).

Em acréscimo, observemos que tudo isso acontece numa evolução tecnológica e comunicacional de mundo onde o Universo Digital dota os indivíduos nas redes de todos os

poderes, recursos e facilidades necessárias para eles mesmos criarem seu próprio conteúdo; podemos interpretar isso, a princípio, apenas como resultado da evolução tecnológica – mas realidade é que num cenário onde as pessoas tem a facilidade da produção de conteúdo (e, nem sempre, estímulo ao senso crítico) um quadro com todos os tipos de produções pode ser diagnosticada (do constitucionalmente correto e democrático ao extremismo nocivo, difamatório, pejorativo, ou etc).

A partir dessas questões, Sayad (2019, p. 16) reconhece a alfabetização midiática como prática “diretamente ligada à participação política, democrática e desenvolvimento econômico [...] uma real necessidade de a escola atualizar sua proposta de pensamento crítico para crianças e jovens”. Outrossim, reconhecem Ferrari, Machado e Ochs (2020, p. 27): sociedades midiaticamente educadas são essenciais para “salvaguardar a democracia”.

Contudo, as autoras observam no Guia de Educação Midiática que tal prática normalmente recorre com mais frequência entre os públicos iniciais como crianças, jovens ou adolescentes **nativos digitais**⁸ em formação. Isso porque a própria proposta de formação digital é algo que – evidentemente – entra em pauta no contexto educacional juntamente ao próprio crescimento do Universo Tecnológico, o que, para Gabriel (2018) começa abraçar nossa sociedade somente com a virada do milênio e décadas que se decorrem, quando damos entrada na Era Digital⁹. Por isso, muitas pessoas mais velhas – ou que tiveram suas formações em décadas passadas – não são contempladas com o ensino sobre os aspectos do digital, sendo estas as **imigrantes digitais** (PRENSKY, 2001). Em vista disso, devemos ponderar que todas as práticas sobre ensino no digital enfrentam diversos desafios de implementação, ou mesmo, de aceitação: seja por questões infraestruturas, disponibilidades ou ideológicas.

É justamente desses expostos que retomamos o diagnóstico anterior de Bauman sobre a liquidez na pós-modernidade e seus efeitos sobre nossa experiência no mundo real e digital: Bauman, em entrevista para Porcheddu (2010) reconhece que a educação começa aos anos iniciais, com a formação do sujeito sobre bases sólidas, legisladas e formalizadas, de onde ele, em seu futuro, encontrará suporte para experienciar a vida e os fenômenos da pós-modernidade; igualmente reconhece, enfim, que esse aprendizado jamais deve se esgotar em

⁸ Termo cunhado por Marc Prensky (2001) para designar aquelas pessoas nascidas após os anos 2000, já num mundo em crescente dominação tecnológica.

⁹ Termo utilizado pela autora Martha Gabriel para designar nossa era de mundo atual digital, conectada, imediata, hipermidiatizada e, também, caótica;

si, nem se estagnar – visto que o próprio *mundo não irá*, permanecendo em constantes mudanças. Bauman, portanto determina como imprescindível a **formação continuada** do indivíduo sobre o mundo, para que não afunde no subjetivismo líquido da pós-modernidade, nem em quaisquer efeitos caóticos/nocivos que se possam dele decorrer. Determina:

a educação e a aprendizagem no ambiente líquido-moderno, para serem úteis, devem ser contínuas e durar a vida toda. Nenhum outro tipo de educação e/ou aprendizagem é concebível; a ‘formação’ do próprio eu, ou da personalidade, é impensável de qualquer outro modo que não seja aquele contínuo e perpetuamente incompleto (BAUMAN in PORCHEDDU, 2010, p. 674).

Outrossim, recentemente, Gabriel (2023) constrói uma reflexão no emergente campo das Inteligências Artificiais¹⁰ a respeito do chamado ChatGPT – uma tecnologia inteligente, capaz de gerar estruturas complexas em formatos midiáticos diversos a partir de simples descrições *solicitadas* pelos seus usuários – sobre a importância do pensamento crítico e da inteligência humana no processo de criação e utilização de tecnologias dessa natureza, aquilo que a autora determina como o *superpoder humano*. Determina:

A inteligência sem o balizamento de valores humanos orquestrados pelo pensamento crítico, resulta exclusivamente em razão, tendendo a criar uma sociedade utilitária e cruel. Sem pensar criticamente, estaremos tão perdidos no poderoso ambiente sócio-tecnológico que emerge quanto um navegante, que apesar de ter disponível as mais poderosas bússolas e naves, não consegue usá-las para dominar o poder da natureza, ficando em risco, à sua mercê. Hoje, a nossa bússola é o pensamento crítico [...] (GABRIEL, 2023, online).

Por conclusão, paralelamente, ao que diz respeito à experiência digital na pós-modernidade e seus desafios, ainda complexificada por tecnologias emergentes que ressignificam o papel humano – e dotam os *valores humanos* com ainda mais importância – a Educação Midiática pode ser interpretada pela mesma proposta – em caráter contínuo – que a própria Educação Tradicional deve ser concebida, conforme Bauman. A Educação Midiática, como ramo que abraça o universo tecnológico, cumpre as mesmas perspectivas formativas que a educação tradicional, num universo semelhante, mas ciberficado, em forma de projeção, extensão, automatização e diversificação da realidade.

¹⁰ Tecnologias no campo da informática digital e internet compostas de algoritmos de programação inteligentes e que desempenham funções autônomas, autossuficientes e interativas com o usuário.

Ainda, Gabriel (2023, online) determina que a reflexão, o pensamento crítico, o senso ético e moral são “o superpoder humano na era das máquinas inteligentes [...] a força motriz que está por detrás das melhores perguntas, ele é também o filtro que seleciona as melhores respostas” – dialogando diretamente com as ideias que expomos de Angeloni (2010), ao mesmo tempo, enfatizando a educação agente catalizador no processo de transformação de dados em conhecimentos, tão necessário em nosso mundo contemporâneo, globalizado, pós-moderno e cibridizado, dentre todos os seus defeitos e possibilidades. Em soma às inovações e disrupções que debatemos – de mesma forma que uma sociedade democrática de seres humanos offline encontra seu salvaguardo através da educação, é – e cabe-nos inferir como *sempre será* – somente através da educação que a democracia prevalecerá em quaisquer outros ambientes, digitais ou não, num mundo globalizado cuja pós-modernidade se concebe líquida ou não, tal como em quaisquer outros diagnósticos de mundo que possam surgir em nossas evoluções sociais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela conclusão deste estudo, foi-nos possível traçar um panorama inicial geral do processo de globalização como processo unificador de mundo, sociedades e culturas, mas também dos vários problemas ambientais, desafios tecnológicos e mundiais com os quais nos deparamos – e que, por sua vez, colocam o mundo em seu estado no qual hoje nos encontramos: aquele que Bauman (1999; 2007) classifica como Pós-Modernidade. Através do debate sobre o autor, podemos compreender sua caracterização da Pós-Modernidade como *líquida*, sendo nela tudo mutável, confuso, caótico e efêmero, um reflexo das transformações vivenciadas da globalização em todos os âmbitos da vida: social, político, econômico, tecnológico.

Deste último, podemos compreender a emergência de um amplo e vasto Universo Tecnológico, fruto dos processos de Ciberficação (LÉVY, 1999; CASTELLS, 2003), domínio da internet como principal plataforma de comunicação planetária e centralização das Tecnologias da Comunicação e da Informação na sociedade que, na visão de Gabriel (2018; 2023) catapultaram-nos na Era Digital – o cenário por onde os já prevalentes desafios da pós-modernidade líquida se estendem, também, pelo Universo Digital. Podemos destacar a

necessidade do pensamento crítico nesse contexto, da reflexão sobre os usos e aplicações tecnológicas e o papel do indispensável senso ético-moral que somente a natureza humana bem construída é capaz de oferecer e preparar o indivíduo à experiência digital.

Por conseguinte, podemos compreender na pauta de Educação Midiática através do Guia de Ferrari, Machado e Ochs (2020), juntamente das obras de Buckingham (2010) e outros autores, o caminho que se guia por essa proposta: preparar indivíduos e consciências críticas para o universo digital, um processo que, além dos benefícios, tanto para professores quanto para os alunos, mostra-se fundamental até mesmo à preservação da própria democracia em tempos onde a informação digital – dos dados aos conhecimentos (ANGELONI, 2010) – desempenha tamanho impacto em nossa experimentação da realidade nas mídias e tecnologias que utilizamos. Por fim, compreendido de Bauman, tal e qual a Educação Tradicional deve guiar as pessoas pela vida toda na pós-modernidade e seus desafios, a Educação Midiática necessita, pelo cenário educacional, mesma concepção: deve ser contínua, continuada, e visada para todas as idades – visto que nosso patamar tecnológico é irrefreável e cada vez mais terá o espaço de dominância nas nossas vidas e consciências ciberizadas, pós-modernas, líquidas e globalizadas.

REFERÊNCIAS

- ANGELONI, M. T. **Comunicação nas organizações na era do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2010.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1999.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.
- BORTOLINI, Rosane Wandscheer; NUNES, César. A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego. **Filosofia e Educação**, v. 10, n. 1, p. 21-36, 2018.
- BUCKINGHAM, D. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, p. 37-58, 2010.
- CAMPOS, L.; CANAVEZES, S. **Introdução à globalização**. Lisboa: Instituto Bento Jesus Caraça, 2007.
- CASTELLS, M. A **Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- DOMINGUES, J. M. Globalização, sociologia e cultura. **Contexto internacional**, v. 15, n. 2, p. 279, 1993.

FAVA, R. **Educação para o século 21: a era do indivíduo digital**. São Paulo: Editora Saraiva, 2016.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

GABRIEL, M. O superpoder humano no mundo das máquinas. MIT Sloan Management Review Brasil. Inteligência Artificial, 2023. Disponível em <https://www.martha.com.br/o-superpoder-humano-no-mundo-das-maquinas/>. Acesso em 17 de fev. 2023.

GABRIEL, M. **Você, eu e os robôs: pequeno manual do mundo digital**. São Paulo: Atlas, 2018.

GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Editora 34, 1999.

LIMA, L. P.; NASCIMENTO, R. G. do; FARIAS, W. da. S. Influência da globalização nos hábitos culturais: aprendizagem significativa a partir da relação teoria-prática. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 9, n. 9, 2016.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Atlas, 2. Ed., 2009.

PORCHEDDU, A. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, p. 661-684, 2010.

PRENSKY, M. Nativos digitais, imigrantes digitais. **On the horizon**, v. 9, n. 5, p. 1-7, 2001.

RAMONET, I. **O Pensamento Único e os Regimes Globalitários**. In: FIORI, J. L. et al. Globalização: O Fato e o Mito, Eduerj, Rio de Janeiro, 1998.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Educação midiática e pensamento crítico: antídotos contra a “desinformação”**. Liberdade de expressão: questões da atualidade [recurso eletrônico]. São Paulo: ECA-USP, p. 09-17, 2019.

Globalization, Liquid Post-Modernity and Education: a reflection on teaching in the Digital Universe

ABSTRACT

This is a qualitative and bibliographical study, which aims to build a reflection on the theme of teaching in the globalized, post-modern (liquid) and technological contemporaneity, a scenario where a series of questions are involved regarding the impact of the digital universe on our lives, highlighting the importance of building critical awareness, reflective and prepared for the digital experience. From the contextualization of guiding themes to the

debate of authors such as Santos, Bauman, Lévy, Castells, Gabriel, Fava, among others, it is clear that the social effects of experiencing the world through liquid post-modernity end up being reflected, too, in the experience people's digital about the digital universe: liquid, ephemeral, confused and chaotic, without critical deepening or content filter. Therefore, we highlight the practice of Media Education as a path, to the educational scenario, for the formation of people capable of consciously experiencing the state of the cybridized digital world in which we live, having its benefits and possibilities not only assured to teachers and students, but also democracy and social welfare itself.

Keywords: Currenting. World. Technologies. Digital. Education.

Globalización, Posmodernidad Líquida y Educación: una reflexión sobre la docencia en el Universo Digital

RESUMEN

Se trata de un estudio cualitativo y bibliográfico, que tiene como objetivo construir una reflexión sobre el tema de la enseñanza en la contemporaneidad globalizada, posmoderna (líquida) y tecnológica, escenario donde se involucran una serie de interrogantes sobre el impacto del universo digital en nuestras vidas, destacando la importancia de construir una conciencia crítica, reflexiva y preparada para la experiencia digital. Desde la contextualización de temas orientadores hasta el debate de autores como Santos, Bauman, Lévy, Castells, Gabriel, Fava, entre otros, es claro que los efectos sociales de experimentar el mundo a través de la posmodernidad líquida terminan reflejándose también. , en la experiencia de las personas digitales sobre el universo digital: líquido, efímero, confuso y caótico, sin profundización crítica ni filtro de contenido. Por ello, destacamos la práctica de la Educación en Medios como camino, al escenario educativo, para la formación de personas capaces de experimentar conscientemente el estado del mundo digital cibridado en el que vivimos, teniendo sus beneficios y posibilidades no solo aseguradas a docentes y estudiantes, sino también la democracia y el propio bienestar social.

Palabras clave: Actual. Mundo. Tecnologías. Digital. Educación.

Recebido em: 23/08/2022

Aceito em: 09/09/2022